

DOI 10.20396/conex.v15i1.8647471

Relato de Experiência

Tematizando o Muay-Thai nas aulas de educação física: um relato de múltiplas ressignificações

Pedro Xavier Russo Bonetto¹
Marcos Garcia Neira¹

RESUMO

O projeto didático foi realizado em uma escola municipal de São Paulo, com uma turma de 5º ano do ensino fundamental. Pautados no currículo cultural da Educação Física, professor e alunos tematizaram o Muay-Thai e suas transformações. Pesquisaram sobre a origem no sudeste asiático (onde hoje é a Tailândia) quando era utilizado como forma de defesa e ataque em guerras, até os dias atuais, como arte marcial ensinada em várias academias, inclusive nas circunvizinhanças da escola. A prática corporal foi tematizada nos debates, aulas expositivas, pesquisas na internet e em revistas e depoimentos de praticantes. Professor e alunos puderam conhecer os golpes, regras, ritos, formas de competir, intenção das pessoas que praticam e os inúmeros contextos históricos e culturais de ocorrência da manifestação. Simultaneamente, ressignificaram sua ocorrência na escola em conformidade com os posicionamentos do grupo.

Palavras-Chave: Educação física. Currículo. Cultura

¹ Universidade de São Paulo
Recebido em: 04 nov. 2016
Aprovado em: 07 abr. 2017
Contato: mgneira@usp.br

Thematising the Muay-Thai in lessons of physical education: a report of multiple resignifications

ABSTRACT

The didactic project was carried out in a public school in São Paulo, with a group of 5th year of elementary school. Guided by the cultural curriculum of physical education, teachers and students tematizaram Muay-Thai and its transformations. Researched the origin in Southeast Asia (in what is now Thailand) when it was used as a means of defense and attack in wars, until today, as a martial art taught in various academies, including the school environs. The body practice was thematized in debates, lectures, research on the internet and in magazines and testimonials from practitioners. Teacher and students were able to learn the moves, rules, rituals, ways to compete, intention of the people who practice and numerous historical and cultural contexts of occurrence of the event. Simultaneously, they change its occurrence in school in accordance with the positions of the group.

Keywords: Physical education. Curriculum. Culture

Tematizando el Muay-Thai en las clases de educación física: un informe de múltiples resignificaciones

RESUMEN

El proyecto didáctico se llevó a cabo en una escuela pública de Sao Paulo, con un grupo de quinto año de la escuela primaria. Guiados por el plan de estudios cultural de la educación física, profesores y estudiantes tematizaram Muay-Thai y sus transformaciones. Investigado el origen en el sudeste asiático (en lo que hoy es Tailandia) cuando fue utilizado como un medio de defensa y ataque en las guerras, hasta hoy, como un arte marcial enseña en varias academias, incluyendo los alrededores de la escuela. La práctica cuerpo fue tematizado en los debates, conferencias, investigación en el Internet y en revistas y testimonios de los profesionales. Profesor y los estudiantes fueron capaces de aprender los movimientos, reglas, rituales, formas de competir, la intención de las personas que practican y numerosos contextos históricos y culturales de la ocurrencia del evento. Al mismo tiempo, se cambió su ocurrencia en la escuela de acuerdo con las posiciones del grupo.

Palabras Clave: Educación física. Curriculum. Cultura

INTRODUÇÃO

Significado é um conceito típico da Linguística estruturalista Saussuriana, ciência que estuda a linguagem e as formas de comunicação e entendimento. O termo refere-se ao conceito atribuído a um determinado “signo”, ou seja, um valor, um sentido, um conteúdo semântico, uma ideia, que torna possível a interlocução entre comunicador e comunicado. Na perspectiva pós-estruturalista, diríamos que o signo não é a presença do significado, isso é uma ilusão ou vontade de fixar um sentido que sempre escorrega² (EAGLETON, 2001). Assim, o significado é uma construção histórica, social e, sobretudo cultural, pois trata-se de um conjunto complexo de informações produzidas e constantemente reproduzidas, ao longo da história das culturas.

Os significados constituem nossas representações e identidades sobre a vida e sobre o mundo.

A significação é o subproduto de um jogo potencialmente interminável de significantes, e não um conceito firmemente ligado a um determinado significante. O significante não nos revela o significado diretamente, como um espelho reproduz uma imagem; na língua, não há uma série harmoniosa de correspondências diretas entre o nível dos significantes e o nível dos significados (EAGLETON, 2001, p. 176).

Nessa perspectiva, ressignificar é atribuir novo significado ou recodificar. Trata-se de colocar sua marca na linguagem, é deixar na linguagem “outra” um pouco da “sua”. Ressignificar conjuga-se como alterar, modificar, adaptar, reelaborar, transformar ou como reproduzir, repensar, refazer e tantos outros verbos, que indicam uma produção de sentido somados ao prefixo “re” de repetição.

Em relação à educação e frente aos artefatos culturais, Neira (2011) afirma que ressignificar implica atribuir novos significados a um artefato produzido em outro contexto com base na própria experiência cultural. Complementa afirmando que a ressignificação é certa quando as alterações das condições sociais levam os sujeitos a recriarem o produto original, visando readequá-lo para que seja apreendido pelos participantes do processo.

Ressignificar é uma prática constante, uma vez que a linguagem é plástica, vive em transformação. Muitas vezes também não se tem controle sobre o processo, uma vez que acontece no âmbito da cultura, local da luta pelo estabelecimento de significados.

² É aquilo que precisa ser representado e em conjunto compõe a linguagem. Relaciona-se com o(s) significado(s) e com o(s) significante(s). Na teoria pós-estruturalista, os signos são instáveis, não fixam nem estabelecem uma relação direta com seu significado e significante.

Os seres humanos são seres interpretativos, instituidores de sentido. A ação social é significativa tanto para aqueles que a praticam quanto para os que a observam: não em si mesma, mas em razão dos muitos e mais variados sistemas de significado que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular sua conduta uns em relação aos outros. Estes sistemas ou códigos de significado dão sentido às nossas ações. Eles nos permitem interpretar significativamente as ações alheias. Tomados em seu conjunto eles constituem nossas culturas (HALL, 1997, p. 16).

Na esteira do currículo cultural da Educação Física, ao entender as práticas corporais (ginásticas, danças, brincadeiras, esportes e lutas) como artefatos culturais, ou seja, produções lúdicas da motricidade humana sistematizada, o que se pretende além de problematizar as regras, ritos, materiais, formas de organização, identidades e representações, é analisar as condicionantes sociais, históricas e culturais que interpelam as práticas corporais. Neira e Nunes (2009) afirmam que as manifestações da cultura corporal foram produzidas em um contexto sócio-histórico-político específico com determinadas intenções, sentidos e significados, porém com o passar do tempo, ressignificaram-se, sofrendo inúmeras transformações em virtude da inter-relação com a cultura.

Desse modo, o currículo cultural de Educação Física procura posicionar os alunos e alunas como sujeitos produtores e transformadores de cultura, dando-lhes a possibilidade de intervirem enquanto leitores e intérpretes das gestualidades, sugerindo modificações e transformações que se tornam tão relevantes quanto à vivência da prática como ela comumente é significada. “Ora, se a maioria das manifestações da cultura corporal atravessou um longo percurso de transformações desde o seu surgimento, a vivência desse processo constitui experiência pedagógica da maior relevância” (NEIRA, 2011, p. 128).

García Canclini (2005) retira qualquer caráter inocente da ressignificação ao denunciar a presença de relações de poder que favorecem aqueles que dispõem de maior força para modificar o significado dos objetos.

O presente artigo explicita o processo de ressignificação em dois diferentes momentos: quando inspira o projeto didático descrito, cujos objetivos, vale destacar, não foram estabelecidos *a priori*³, mas se constituíram a partir dos discursos que os alunos e alunas produziram sobre o tema; e o próprio processo de atribuição de significados pelos estudantes à prática corporal objeto de estudo.

³ Na perspectiva em questão, não existe conhecimento ou conteúdo mínimo sobre dado tema. Neira (2011) destaca que eles podem ser “acadêmicos, do senso comum, populares ou pertencentes a outros grupos”. Deve-se considerar as relações com o projeto político pedagógico da unidade escolar, bem como as dúvidas, angústias, interesses e a desconstrução dos discursos essencialistas e preconceituosos que possam circular em torno da prática corporal estudada.

DESCRIÇÃO DA PRÁTICA

O projeto aconteceu com duas turmas de quinto ano em uma escola municipal de São Paulo. Anteriormente, fora tematizado o skate. O trabalho iniciou mapeando em sala de aula os saberes dos grupos sobre lutas para, assim, definir o novo tema. Ainda no início da aula o professor observou algumas meninas no fundo da sala brincando de algo que parecia uma luta. Procurando reconhecer as práticas corporais que faziam parte do repertório cultural dos estudantes, o professor perguntou a elas se tinham o costume de brincar assim e quais eram as regras. Disseram que adoravam a brincadeira, e que algumas vezes lutavam contra alguns meninos e que geralmente ganhavam. Sobre os gestos, o professor percebeu que simulavam chutes e socos, aplicavam alguns empurrões e declaravam o ganhador aquele que fizesse o outro desistir.

Considerando o mapeamento realizado no início do ano letivo, lembrou os estudantes que eles ainda não tinham estudado danças e lutas. Aproveitou o ensejo e perguntou se aquela luta que algumas meninas estavam fazendo no fundo da sala poderia ser o tema de um projeto. Outro grupo de alunos disse que não, porque elas não sabiam nada, e que aquilo não era bem uma luta. Logo, começaram a propor lutas como jiu-jítsu, Muay-Thai, MMA⁴ e boxe.

Continuando a conversa, o professor disse aos alunos e alunas que aquela luta que estavam fazendo parecia muito com Muay-Thai. Um dos alunos aproveitou e disse que estava fazendo aulas de Muay-Thai em uma academia. Já acostumado com a característica colaborativa, democrática desta perspectiva cultural de Educação Física, este aluno se propôs a ajudar com as práticas.

Na aula seguinte o professor exibiu para a turma um documentário confeccionado pelos alunos e alunas de anos que tinham estudado o Muay-Thai nesta mesma escola no ano de 2012⁵. Pediu para que eles anotassem as informações que achassem importante do vídeo. A grande maioria anotou apenas o nome dos golpes e ao término já queriam ir para quadra reproduzi-los. O professor perguntou para eles e elas se já tinham presenciado ou assistido pela televisão uma luta de Muay-Thai. E ainda se mais algum aluno ou aluna conhecia locais de prática dessa luta nos bairros da vizinhança da escola. Sobre as respostas, apenas o aluno que estava fazendo aulas disse que já havia assistido uma luta da referida arte marcial, os outros nem assistido pela televisão. Muitos confundiam com lutas de MMA.

Já na segunda semana de aulas, o professor foi com a turma para a quadra. Lá pediu que fizessem duplas e mostrassem como pensavam que funcionava uma luta de Muay-Thai. Como tarefa para casa, pediu também que descrevessem as características

⁴ Sigla para *Mix Martial Arts*. Em português: Artes marciais mistas.

⁵ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=YQB54K56aYY>. Acesso em: 02 nov. 2016.

da luta nos cadernos e trouxessem na próxima aula. Na data combinada, surgiram os seguintes os discursos: “É uma luta de soco e chute”, “não vale fugir”, “é no ringue, e tem que bater até o outro cair”, “é uma luta em pé, que pode chutar e dar socos, não pode segurar, não pode morder, não pode bater no saco”.

Novamente na quadra, solicitou que mostrassem os golpes que tinham visto e anotado caderno. Desse modo, vivenciaram o *jab*, direto, chute alto, chute baixo, joelhada e cotovelada. Realizaram cada qual a seu modo, afirmando que estavam “treinando”. Em duplas, enquanto um executava o golpe o outro usava um colchonete como aparador.

Certo dia, uma das alunas sugeriu ao professor que usassem um “saco de pancada”. Como a escola não dispunha desse material, o professor responsabilizou-se por solicitar a sua aquisição. Eis que na aula seguinte, a mesma aluna, acompanhada da mãe, trouxe o saco de pancada do irmão mais velho, dizendo que poderiam emprestá-lo durante o projeto. O fato gerou um alvoroço nas duas turmas: “Agora sim! Isso sim é coisa de luta!”

Penduramos o equipamento em uma das traves da quadra e por várias aulas os estudantes puderam vivenciar os golpes característicos da manifestação. Continuamos a fazer os gestos vistos no documentário e outros que eles pesquisaram, como o *superman-punch* e *spin-back-punch*⁶. Não tardou muito para que alguém sugerisse um golpe diferente, um golpe inventado, que não estava no documentário assistido. Então, começaram a praticar o “chute fantasma”, “chute driblando” e “joelhada voadora”.

Enquanto “treinavam”, o professor leu para as turmas um trecho de um artigo da internet que dizia que o Muay-Thai era conhecido como a “arte dos oito membros” ou “arte das oito armas”, isso porque era a única arte marcial que utilizava além das duas mãos e dos dois pés, ambos os joelhos e cotovelos. Ainda nessa aula solicitou uma pesquisa sobre a história ou origem do Muay-Thai. Disse que eles poderiam pesquisar na biblioteca da escola, na internet durante a aula de informática educativa e, para aqueles que tivessem acesso, poderiam terminar em casa e/ou entrevistar alguém que soubesse responder.

Na aula seguinte, trouxeram os resultados de suas pesquisas registradas nos cadernos. Vários recorreram à internet e apenas dois alunos irmãos, entrevistaram uma prima praticante. O professor registrou as informações na lousa, conseguindo reunir tudo em um só texto.

Viram que Muay-Thai significa arte marcial tailandesa ou luta da Tailândia, e que essa luta é muito antiga cerca de 2000 anos, descende de um método de luta chamado *Chupasart*. Tal método também utilizava armas, como facas, espadas,

⁶ Respectivamente soco do super-homem e soco giratório de costas.

escudos, machados, bastões, arcos e flechas. O objetivo era se defender de inimigos, de animais, senhores de guerra e defender o território. Nesse início, o Muay-Thai era muito parecido com o *kung fu* chinês. As lutas muitas vezes iam até a morte e somente por volta de 1920, sob a influência do boxe inglês, os lutadores passaram a usar faixas de algodão e, mais tarde, luvas de boxe.

Depois de tanto “treino”, os alunos e alunas insistiam em uma pergunta: “Professor, quando vamos parar de treinar e vamos lutar ‘pra valer’?” Eles e elas tinham razão, mas a pergunta que ele gostaria de saber responder não era “quando” iríamos lutar, mas “como?” O que estava por trás da pergunta do docente era exatamente como iriam ressignificar uma luta de golpes traumáticos no âmbito escolar: Como vamos lutar Muay-Thai dentro da escola sem machucar o colega? A partir da pergunta apresentada à turma, surgiram algumas sugestões.

A primeira maneira de lutar sugerida foi algo parecida com o que aquele grupo de meninas fazia dentro da sala de aula. Simulavam socos e chutes, mas dessa vez, justamente por ser só simulação ninguém desistia. Outro sugeriu que fizessem simulações de socos e chutes, mas que em algum momento um teria que segurar e derrubar o oponente no chão. Fizeram por algumas aulas, mas um aluno incomodado falou: “Professor, isso tá igual ao judô! Nada a ver com Muay-Thai”. Houve uma discussão interessante entre eles e elas, uns dizendo que aquilo era sim Muay-Thai, outros dizendo que era judô.

Observando tudo, o professor reparou que ainda não tinha mostrado vídeos de lutas reais para turma. Tinham visto algumas regras, muitos golpes, a história, mas ainda não tinham visto uma luta.

Na semana seguinte, com o professor, assistiram quatro pequenos vídeos de lutas de Muay-Thai. Em um deles, o Anderson Silva, conhecido lutador de MMA, participava de uma competição de Muay-Thai; o outro era de lutadores iniciantes, o terceiro era de mulheres lutando profissionalmente e o quarto vídeo mostrava uma luta entre um francês e um tailandês. Este entrava no ringue ao som de uma música instrumental, fazia uma dança que na ótica das crianças era engraçada e também usava algo na cabeça e no braço que chamou a atenção das turmas. O lutador francês não fez nenhum ritual. Os alunos e alunas gostaram bastante de assistir as lutas, escolhiam um/a dos/as oponentes e torciam. Viram os nocautes e as decisões dos juízes.

Nas aulas seguintes dirigiram-se à quadra e inspirados nas proteções que viram nos vídeos, um grupo de alunos sugeriu que amarrassem com barbantes colchonetes nas pernas de cada estudante antes de lutar. Fizeram isso e inesperadamente, para o professor, deu muito certo. As lutas foram “pra valer” como diriam os alunos. O problema era um só: demoravam uma aula inteira para amarrar os colchonetes nas pernas de apenas seis lutadores.

Por conta da demora, desistiram da amarração. Uma das alunas, tentando simplificar tudo, disse que poderíamos fazer um combinado entre as pessoas que estavam lutando. Estávamos diante de mais uma tentativa de lutar na escola. Ela propôs que cada aluno diria se aceitava golpes fracos, médios ou fortes. Outra aluna tentou dizer que o que é fraco para uma não é fraco para outra. E que deveríamos ir testando, conforme as duplas, o que machucava ou não o colega. Fizeram deste modo e foi muito interessante observar a negociação das duplas antes de começar os combates. Um dizia para o outro onde e que intensidade poderiam trocar os golpes e, de repente, estavam todos lutando Muay-Thai, sem equipamentos, na escola.

Já no meio do semestre, o professor procurou dois ex-alunos que Muay-Thai praticavam a modalidade e lhes fez um convite para que fossem à escola ajudar nas aulas com a turma do quinto ano. Nas aulas seguintes, o professor reuniu todos na quadra, os ex-alunos se apresentaram e os estudantes aproveitaram para entrevista-los. Disseram que começaram a treinar porque preferem lutas a esportes com bola. Mostraram os equipamentos, luvas e protetores de perna e bucal, para os alunos e alunas, também apresentaram também a *kruang*⁷.

Algumas alunas perguntaram se as academias aceitam mulheres e meninas para treinar e os rapazes disseram que sim, que conhecem muitas mulheres que treinam e competem na modalidade, inclusive a namorada de um deles era campeã paulista. Um aluno afirmou que é normal mulher treinar, pois a prima treinava Muay-Thai para melhorar o condicionamento físico, porque ela quer ficar com o corpo com “pouca gordura”. Terminando as apresentações, entrevistas e respostas às curiosidades das turmas, os ex-alunos mostraram como se organiza uma aula em uma academia de luta. Fizeram aquecimentos, ensinaram outras posições, novos golpes, sequências com os golpes que tínhamos aprendido e, por fim, realizaram uma luta. Chamaram de *sparring* a simulação, assim como estávamos fazendo, mas empregando os golpes com mais força. Aproveitando a ocasião, os alunos pediram emprestados os protetores de perna e capacetes e, assim, lutaram “pra valer”.

Já no fim do projeto, durante uma discussão sobre a origem do Muay-Thai, como luta fora usada na guerra, muitas vezes até a morte, ou para evitar a invasão do território, um aluno chutou o colega, fora de um contexto de luta e o professor foi repreendê-lo pelo ato. Perguntou por que ele tinha chutado o colega e ele alegou que como estavam estudando o Muay-Thai, poderia fazê-lo. Afirmou ainda que estava apenas defendendo o seu território. O outro aluno disse que se era assim, então ele poderia usar armas e chamar os amigos dele para baterem no colega. E que isso também

⁷ Uma corda trançada, para ser usada no braço, também chamada de *prajied* (*praciat*), disseram que no Brasil e em outros países como os Estados Unidos, conforme a cor, ela representa a graduação do lutador. Enfatizaram que na Tailândia o **Muay-Thai** é ensinado sem as graduações e que lá a *kruang* e a dança (*ram muay*) representam uma homenagem aos lutadores antigos, treinadores, algum deus ou a uma cidade ou região, ou seja, pura ressignificação.

era Muay-Thai. Todos riram das analogias criadas, mas alguns deles levaram a sério: “Professor, podemos lutar Muay-Thai como antigamente?”

De repente uma enxurrada de sugestões, um queria armas, outros coletes para definir quem eram os aliados e os inimigos, outro já estava escolhendo uma parte da quadra como seu território. Essa forma de lutar Muay-Thai, criada na escola, reelaborada pelos alunos e alunas com base na origem da luta, foi se desenvolvendo até que, nas últimas semanas, alguns tiravam par ou ímpar e escolhiam os times, chegaram a lutar com dois e até cinco times. Os grupos se posicionavam, invadiam o território alheio; valia dois, três, quatro contra um; chute alto e baixo, *jabs*, diretos, *uppers*, *superman-punch*, e todos os outros golpes que tinham estudado. E isso aconteceu por várias aulas.

DISCUSSÃO

Tal como podemos observar no relato de prática, o currículo cultural da Educação Física atua frente às ressignificações em duas perspectivas. Uma delas é fazendo os estudantes compreenderem que todas as práticas corporais, enquanto artefatos da cultura vão se produzindo a partir de inúmeras transformações. Tal objetivo é destacado quando o professor se inspira no princípio da ancoragem social dos conhecimentos. A ancoragem social dos conhecimentos visa principalmente posicionar o conhecimento como produção histórica de determinados grupos em determinados contextos, evitando naturalizações e universalizações.

Para Neira e Nunes (2009), ancorar socialmente os conhecimentos significa desvelar como os saberes são produzidos com vistas ao reconhecimento das raízes históricas e culturais, que nesse processo são usualmente “esquecidas”, e faz com que todo conhecimento, pautado na lógica dominante, seja visto como indiscutível, neutro, universal, intemporal. Essa estratégia amplia a possibilidade de compreensão e posicionamento crítico dos alunos com relação ao contexto social, histórico e político de produção e reprodução das práticas culturais. No relato em questão, observamos que o professor se preocupou em contextualizar o Muay-Thai a partir de sua origem no sudeste asiático, como arte de guerra, chegando aos dias atuais, como prática corporal com fins de autodefesa ou como atividade física voltada à saúde e estética.

A segunda perspectiva se faz quando a ressignificação passa a ser uma orientação didático-metodológica cuja intencionalidade é colocar os alunos e alunas enquanto produtores de cultural. Neira (2011) assinala que o currículo cultural da Educação Física enfatiza a leitura da gestualidade implícita nas manifestações corporais. Tenciona promover a interação coletiva, a reorganização e a discussão de outras possibilidades de vivência.

O intuito é fazer com que os estudantes elaborem e experimentem diversos formatos das práticas corporais. Conforme se viu no relato acima, isso aconteceu em inúmeros momentos: quando os alunos começam a criar golpes, tal como o chute fantasma, chute driblando e joelhada voadora. Graças à profundidade das ressignificações, os estudantes remodelaram a forma de lutar Muay-Thai dentro da escola. Inicialmente com a combinação de regras e formas de competir, posteriormente quando inspirados na origem da arte marcial, decidiram lutar em grupos buscando ocupar e defender territórios, valendo quase tudo. É certo que mais parecia uma briga de gangues. Mas a questão é: não foi mais ou menos assim que tudo começou?

Por fim, outro aspecto em relação às ressignificações das práticas corporais que podemos destacar é que, diante das condições socioculturais contemporâneas, dentre elas a globalização e o veloz desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação, que proporcionam inúmeras oportunidades de contatos/confrontos entre as culturas, é interessante constatar que alguns grupos combatem as ressignificações de seus artefatos culturais. Há quem pretenda manter a sua “pureza”, preservar ou resgatar determinados aspectos de uma prática corporal em franca transformação. No âmbito da Educação Física; são comuns projetos com objetivos como, “resgatar as brincadeiras populares”, “preservar o sentido das cantigas de roda” ou ainda, “revalorizar as danças de origem afro-brasileiras”. Lutas estas que até certo ponto podem ser bastante interessantes, quando ao invés de valorizar apenas como as coisas eram feitas no passado, passa-se a compreender também o motivo de seguidas mudanças.

É imperativo afirmar que, mesmo que tentem conservar algo de essencial em dado artefato cultural, ninguém nem tampouco nenhum grupo consegue frear as ressignificações produzidas no âmbito das culturas. Isso porque basta que alguém tente reproduzir uma prática no seu contexto próprio que uma nova significação está sendo criada. As ressignificações estão à solta, ao léu na cultura, e é impossível prever ou regular como os grupos se apropriam, ou significam, tais manifestações. Em termos pedagógicos, o mais importante é proporcionar condições para que os estudantes compreendam o processo e identifiquem os fatores que influenciam as ressignificações.

REFERÊNCIAS

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GARCÍA CANCLINI, Nestor. *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2005.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, 1997.

NEIRA, Marcos Garcia. *Educação física*. São Paulo: Edgard Blucher, 2011.

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mário Luiz Ferrari. *Educação física, currículo e cultura*. São Paulo: Phorte, 2009.

ERROR: syntaxerror
OFFENDING COMMAND: --nostringval--

STACK:

/Title
()
/Subject
(D:20171025155039-02'00')
/ModDate
()
/Keywords
(PDFCreator Version 0.9.5)
/Creator
(D:20171025155039-02'00')
/CreationDate
(dulce)
/Author
-mark-